

O outro lado do humor gráfico

Rita Donato

Jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

E-mail: ritadonato@uscs.edu.br



A década é 1970 e o país do futebol ocupa as principais manchetes pela conquista da terceira Copa do Mundo. O uniforme canarinho, aliás, ganha destaque na primeira transmissão ao vivo e a cores da popular competição. No Brasil, onde se dança ao ritmo de *A taça do mundo é nossa*, uma ditadura militar que sufoca e tortura, força exílios e prende quem se manifesta contra o governo. Mas é exatamente no meio da censura que o humor gráfico se torna arma para protestar contra um regime opressivo e a arte, enfim, abre caminho para desenhistas inovarem na estética e no conteúdo dos quadrinhos.

Foi neste ambiente que o pesquisador Osvaldo DaCosta viu nascer o jornal de cartuns, contos de humor e piadas *Ovelha Negra*, criado e editado pelo cartunista Geandré, paulistano que começou cedo a fazer arte, aos 12 anos. No livro *O berro da ovelha negra: inovações do humor gráfico na imprensa alternativa brasileira – 1976-1977* (Santos: Ateliê de Palavras, 2015, 148 páginas), DaCosta resgata a realidade de jovens cartunistas brasileiros e estrangeiros e da imprensa alternativa no país nos anos 1970. Trata-se de uma investigação acadêmica que revela como um jornal fez do riso um instrumento social.

No primeiro capítulo, “O humor e os antepassados”, o autor faz um retrospecto sobre a evolução do humor e avalia as variações deste tipo de arte desde a Antiguidade, passando pela Idade Média até a Modernidade. Ao contextualizar o humor na Grécia Antiga, o livro cita o filósofo Aristóteles, que atribuiu ao ser humano a condição de “o único animal que ri”, e insere o leitor na realidade dos anos 500 a.C., ao lembrar como

os atores atuavam no teatro grego, sempre de máscaras – fato que demonstrava um movimento contracultura e de oposição.

Nas primeiras abordagens sobre o surgimento do humor gráfico, o pesquisador discorre sobre a propagação da imprensa e o desenvolvimento de novas técnicas de impressão, que se aperfeiçoaram com o tempo e garantiram a popularização das obras gráficas. O livro resume ainda como as vanguardas artísticas influenciaram um novo modo de pensar a arte e explica detalhadamente as diferenças entre caricatura, charge, cartum e quadrinhos de humor.

Respalado em um rico referencial teórico sobre os gêneros, o autor reforça que a caricatura surge na Grécia com o objetivo de demonstrar a cultura popular. Já a charge retrata fatos contemporâneos e ataca criticamente situações políticas ou costumes. O cartum, ao contrário, não se prende a datas, é atemporal. Por fim, a obra reforça que os quadrinhos de humor são baseados em fatos históricos, ficção científica, humorística, *underground* ou de super-heróis.

“O criador e a criatura: o pai da Ovelha Negra” é o título do segundo capítulo, reservado exclusivamente para tratar a história do criativo e polêmico cartunista Geandré – Arlindo Rodrigues –, seu envolvimento com jornalismo alternativo, a política e a arte. Nas páginas que contam a vida e a obra de desenhista, o autor recorre às memórias de Geandré e brinda o leitor com detalhes sobre a carreira do ilustrador, pintor e jornalista, uma história que começou em 1963, quando seu primeiro desenho foi publicado na “Tribuninha”, suplemento infantil do jornal *A Tribuna*, de Santos.

Para descrever as referências e o espírito inovador do cartunista, o livro conta o envolvimento de Geandré com seus “ídolos” e os lugares onde trabalhou após deixar Santos e seguir para São Paulo, onde atuou em editoras nos bairros do Brás e da Mooca, “polo das gráficas paulistanas”, à época. No vasto currículo do ilustrador, há jornais como *O Dia*, *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Diário Popular*, *Jornal da Tarde* e *O Pasquim*, além das revistas *O Cruzeiro*, *Vogue*, *MAD*, *Playboy* e outras redações. No entanto, a obra revela que foi na Europa que o cartunista adquiriu experiência para dar vida a um jornal alternativo brasileiro.

O terceiro capítulo, “Um ‘bicho’ em gestação”, contextualiza o viés do humor gráfico em época de censura e repressão e conta como Geandré concebeu o jornal *Ovelha Negra*, “com a intenção de abrir espaço para cartunistas brasileiros terem uma publicação própria, um jornal de cartuns que, segundo DaCosta, Geandré caracterizava como “humor rancor, político e contundente ao regime”.

Parte do livro faz um retrospecto da imprensa alternativa do país, também chamada de independente, *underground* ou nanica, em especial os jornais mais representativos:

O Pasquim (1969-1991), *Movimento* (1975-1981) e *Opinião* (1972-1977). Para contextualizar o leitor, o autor recupera o momento político e afirma que com o fim da liberdade de expressão, em 1968, quando o AI-5 passou a vigorar, foi uma das fases mais ricas e criativa dos tabloides, que conseguiram imprimir em suas páginas a filosofia da contracultura e o *new-journalism* norte-americano no Brasil.

A abordagem analítica sobre o *Ovelha Negra* começa no quarto capítulo, “Nasce um filhote saudável”, na qual DaCosta traz detalhes sobre a concepção do periódico, que durou apenas um ano. Como todo jornal alternativo, nasceu fadado à vida curta. Era bimestral e reservava 70% de seu espaço para cartuns; os outros 30% eram destinados a textos curtos e contos de humor ou piadas. Apenas uma página e meia, de um total de 24, eram reservadas para anúncios, em especial de livrarias ou cafês onde o periódico circulava. O livro também apresenta e analisa alguns anúncios, dos poucos veiculados no tabloide.

Em linha objetiva, a obra destaca como o jornal se firmou como veículo de resistência e como foi importante para proporcionar o que DaCosta chama de “mudança de sentidos” na orientação e estilização do tabloide. Segundo o autor, o jornal de cartum buscava inovação e conseguiu, com desenhistas, escritores de humor e “penas afiadas”, driblar e desafiar censores a serviço do regime opressor.

As principais dificuldades para manter o projeto do *Ovelha Negra* são reveladas no capítulo final, “Dissecando a ovelha”. Recheado de cartuns publicados nas oito edições do periódico, o livro conta como foi criado o logotipo do jornal, os artistas que marcavam presença nas páginas – dentre os quais Angeli e Henfil – e os motivos que levaram os idealizadores a mudarem o formato, que passou do tabloide ao americano. Resgata e analisa as capas e revela que o humor gráfico no *Ovelha Negra* não seguia uma linha editorial.

O berro da ovelha negra avalia, de forma completa, cada seção do jornal. Traz ilustrações e suas respectivas análises, as categorias de humor adotadas no periódico e os temas dos cartuns, publicados por categorias. DaCosta passeia pelos diversos estilos do humor gráfico, explicando cada obra selecionada para ilustrar o livro e evidencia a postura crítica do jornal diante dos sistemas políticos, econômicos e das mazelas sociais nos âmbitos nacional e internacional.

Oportuna, a obra não apenas registra a história de um jornal independente quase esquecido, mas destaca a importância do periódico na produção criativa de cartunistas brasileiros, franceses, holandeses, iugoslavos, turcos, uruguaios e norte-americanos. Um jornal nanico, de charges e piadas, cuja grandeza está justamente no legado inovador que deixou à história do humor e do jornalismo brasileiro ao apresentar um projeto

capaz de usar o riso para pedir liberdade de expressão e para criticar a censura em pleno regime militar.

DACOSTA, O. *O berro da ovelha negra: inovações do humor gráfico na imprensa alternativa brasileira (1976-1977)*. Santos: Ateliê de Palavras, 2015.